

Conversa de rua

Roberto Rillo Bísvaro

A tradução a seguir, é da peça *Street Talk* – inédita no Brasil – de autoria do dramaturgo norte-americano Terrence McNally. A obra foi especialmente escrita para o evento *Urban Blight*, realizado no Manhattan Theater Club, na cidade de nova York, a 18 de maio de 1988^{1*}. *Street Talk* suscita questões de ordem social, bastante pertinentes para o contexto brasileiro. Além disso, McNally discute o teatro como agente militante, como fórum público onde a sociedade pode se enxergar e debater seus problemas.

A personagem do monólogo, Eubie Jones, foi vivida pelo ator Laurence Fishburne. A presença de um ator negro conferiu maior força ao texto; o que também ocorreria caso tivesse sido levado por qualquer representante de algum setor social marginalizado ou excluído.

Terrence McNally teve duas de suas peças representadas no Brasil: *Master Class* (1996), estrelada por Marília Pêra e *Amor! Coragem! Compaixão!* (2004), dirigida por Emílio Di Biasi. Sua versão musical para o teatro de *O Beijo da Mulher Aranha* também foi levada aos palcos brasileiros (2001), em produção estrelada por Cláudia Raia. O público de cinema pode ver por aqui também a transposição para as telas, feita pelo próprio dramaturgo, da peça *Frankie and Johnny in the Clair de Lune*, que no cinema foi chamada simplesmente *Frankie and Johnny* (1991), protagonizada por Al Pacino e Michelle Pfeifer.

PERSONAGENS

Eubie Blades

Charity Jones

Um homem entra. Seu nome é Eubie Blades. Ele está assobiando ou cantando alto como se fosse dono do local. Vira-se de costas para a platéia no fundo do palco e começa a urinar. Ele continua a assobiar ou cantar durante o tempo todo. A canção é “Stormy Weather”. Após algum tempo, vira-se e olha para a platéia.

EUBIE: Sorte de vocês eu não estar a fim de cagar! *(Vira-se e recomeça a urinar e a assobiar ou cantar “Stormy Weather”)* “Ele realmente está fazendo xixi, Harold?” “Como eu vou saber, Margareth?” “ Bem, sinto muito, mas eu detesto isso.” “Nós todos detestamos, Margareth. Graças aos céus é apenas um “sketch”” *(Eubie usou duas vozes bem distintas para Harold e Margareth. Durante todo o tempo ele mantém as costas para a platéia e continua a urinar. Quando termina, ele chacoalha antes de fechar o zíper.)* “Harold!” “Feche os olhos!” *(Eubie vira-se e caminha para a frente do palco.)* Eu quero falar sobre confronto com a platéia. Não com você pessoalmente! É que calhou de eu estar olhando para você quando disse aquilo. Babaca! Eu queria que vocês pudessem ver a expressão no rosto desse cara. Pânico total. Ele pensou que eu estava falando para ele. Relaxa, companheiro. Você está seguro em sua poltrona. Mas a senhora não está, dona! Eu estou de olho em você desde que entrei aqui. Do que o senhor está rindo? Você será o próximo. Alguém tem um pente para me emprestar? Eu aposto que a senhora tem algo aí, madame. Você não está nem mesmo procurando. Deixa para lá! Eu achei o meu. Isso foi apenas um teste. Vocês não passaram. *(Ele pega um pente.)* Onde eu estava? Ah sim, teatro de confronto. Desse assunto eu realmente entendo. Sabe, eu comecei no teatro na década de 60. Naquela época a gente não podia ir a uma peça sem que algum ator comesse a falar com você, descesse do palco e sentasse no seu colo ou tentasse levá-lo para o palco com ele. Não senhor. Se você tivesse alguma coisa contra confronto entre atores e platéia, não era seguro ir ao teatro nos anos 60. *(Senta-se à boca do palco. Enquanto fala, ele tira os sapatos e começa a limpar as unhas.)* Eu conheço um desgraçado que amava



teatro, mas não viu uma peça sequer entre *Hair*^{2**} e *Agnes de Deus*^{3***}. Ele morria de medo de que algum ator olhasse ou falasse com ele. O coitado perdeu muitos espetáculos bons. Eu estou vendo ele lá na sétima fileira neste exato momento. De repente, ele acha que agora é 1988 e os anos 60 já estão bem longe. Que diabo! Quer dizer, este teatro é legal, aconchegante... Eles produziram *Claptrap*^{4****}, pelo amor de Deus! Eu não tenho razão? Ele está errado! Logo agora que você achou que era seguro voltar ao teatro, eis que surge *Urban Blight!* Eu estou só brincando. Eu estou brincando! (*Uma mulher entra. Seu nome é Charity Jones.*) Esta é Charity Jones. Eu vou dizer três coisas sobre ela. Primeiro: ela mora em um daqueles alojamentos mantidos pelo governo, que vocês pagam. Ela é muito agradecida. Segundo: ela não consegue achar uma escola pública a menos de um bairro de distância que queira aceitar pelo menos um de seus três filhos. É assim que funciona a sua Secretaria de Educação... Terceiro: Charity tem uma voz adorável. Uma voz alta, cristalina, do tipo que faz você se sentir bem. Só que eu acho que Charity não está com vontade de cantar neste exato momento. (*Charity faz que não com a cabeça e senta-se ao lado dele à boca do palco. Ela permanecerá olhando para a platéia, sem ao menos piscar.*) Eu estou falando para essas pessoas simpáticas, a respeito de teatro de confronto. Os velhos tempos. Época em que os atores perambulavam pelos corredores. Um tempo em que você ia ao teatro por sua conta e risco. Qualquer coisa podia acontecer. Podia ser uma peça sobre o Vietnã e eles jogavam sangue de porco em você. Sobre direitos civis e alguém tentava te convencer a se juntar a uma marcha de protesto ou registrar eleitores lá no sul. Ou sobre gays e você via dois homens peladões, se abraçando e beijando como se fosse a coisa mais natural do mundo. Mas, de repente, tudo isso parou. A guerra terminou, as platéias decidiram que estavam enjoadas de direitos civis e já não ligavam mais quem estava se beijando no palco, desde que não tirassem a roupa. Tem pessoas – acho que a gente pode dizer que são cínicas – que vão dizer a vocês que não foram as platéias que mudaram, mas sim quem escreve peças. Como chama mesmo quem escreve peças? Dramaturgos. Bonita palavra. Essas pessoas dirão que esses dramaturgos pararam de acreditar que o teatro poderia pôr fim a uma guerra,

aproximar pessoas de raças diferentes ou fazer as pessoas não se incomodarem tanto com quem transa com quem. Elas vão dizer que esses dramaturgos decidiram, em algum momento, que as peças deveriam voltar a ser mais descontraídas. As platéias se deliciaram com essa virada, afinal de contas, elas tinham passado uma boa parte de uma década com um frio na barriga cada vez que se sentavam em um teatro. Os produtores acharam ótimo, e aumentaram os preços dos ingressos. “Nós prometemos que ninguém mais vai sentar no colo de vocês e perguntar o que fizeram para parar uma guerra, Isso, porém, vai custar trinta e sete dólares e cinqüenta”. Até agora, isso tem funcionado perfeitamente. As platéias estão felizes e os dramaturgos mais ou menos. Este lugar aqui parece bem cheio. Eu consegui ingressos para *O Fantasma da Ópera* para algum dia em 1992! Deus está no céu. Tudo vai bem no mundo. Mesmo assim... (*Ele suspira. Charity pega sua mão.*) Às vezes eu penso: e se eu descesse deste palco, arrancasse a bolsa daquela senhora e corresse feito louco? Aposto que tem mais dinheiro lá do que eu vejo em um ano. E se eu te seguisse até sua casa - sim, você! – e ficasse parado na sua porta até que você olhasse para mim? Olhasse para mim de verdade e fizesse alguma coisa que produzisse alguma diferença no jeito que eu vivo? Que tal se eu pegasse esta faca que carrego e a enterrasse em seu coração? Então, quem sabe, você ia ficar sabendo quanto ódio eu tenho no meu! Que tal se algum dramaturgo me colocasse aqui em cima – colocasse o meu verdadeiro eu – para que vocês fizessem idéia da falta de oportunidades na minha vida? E se algum ator pudesse retratar qual a sensação de não se comer mais de uma vez em pelo menos três dias, e, mesmo assim, apenas aquilo que vocês não dariam nem para seus animais de estimação? Mas, vocês sabem de tudo isso. O teatro não tem esse poder, irmão. Tem sim! Claro que tem! Tem, mas não quer fazer nada. Ele parou de tentar. Quem está enganando quem? Eu vou estar lá fora quando vocês saírem daqui. Vou ficar segurando um copo de papel e vou ficar muito agradecido por qualquer coisa que vocês puderem botar dentro dele. Vamos, Charity. (*Levantam-se.*) Acabei de pensar mais uma coisa. E se Charity Jones sentisse vontade de cantar novamente? Seria um final feliz. (*Saem. Black out.*)



BIBLIOGRAFIA

MCNALLY, Terrence. *Terrence McNally: 15 short plays. New York, Smith and Kraus, 1994. pp. 363-7.*

Notas:

¹ Para este evento, McNally também escreveu outra peça curta chamada *André's Mother*. Minha tradução para esta peça encontra-se em *Cadernos de literatura em tradução*, número 6, 2005, revista editada na Universidade de São Paulo.

² Musical escrito por Gerome Ragni e James Rado. Estreou na Broadway em 29 de abril de 1968. A obra celebra o estilo de vida dos hippies, que saudavam o início da Era de Aquário, opondo-se ao serviço militar (era a época da Guerra do Vietnã), à ética trabalhista e aos códigos aceitos de comportamento e vestimenta. A peça ganhou uma adaptação para o cinema em 1979.

³ Peça de John Pielmeier, que tem como enredo a tentativa de uma psiquiatra em determinar a sanidade de uma jovem freira, acusada de matar o próprio bebê. Também adaptada para cinema.

⁴ Obra de Ken Friedman, que mistura elementos de farsa e pastelão. O assunto da peça gira em torno de um autor teatral que não consegue escrever uma linha sequer e um ator que jamais consegue um papel, que se juntam para organizar um simulacro de funeral.